

O FESTEJO POPULAR E SEU ESPAÇO FORMADOR: OS CAMINHOS DE UMA EDUCAÇÃO SIMBÓLICA

ALEXANDRE DA SILVA BORGES¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – alexandreborgesh@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O proposto trabalho advém da pesquisa que ocorreu no mestrado, no Programa de Pós Graduação em Educação da UFPEL, na linha Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem, no seio do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM). A dissertação, intitulada *A Educação Simbólica na Cantoria de Santinho em Povo Novo/RS: a musicalidade e a noite regendo o rito*, endossou a problematização dos contextos formativos - mais especificamente, veio a observar um outro espaço, não-formal, onde a Educação, revestida de amplo aspecto cultural, se expressa por uma linguagem distinta e eminentemente formadora. Na ocasião da pesquisa, a festa popular denominada Terno de Santos foi o campo fértil para a referida análise, onde se percebeu uma expressiva peculiaridade no campo da Educação, que repercutiu na seguinte afirmativa: a manifestação cultural, neste caso festiva e religiosa, é fermentadora de processos formadores, onde o imaginário, compartilhado por aqueles que comungam deste fenômeno, é a fonte viva para uma Educação Simbólica.

A teoria de Gilbert Durand (2012) define que o Imaginário é como um imenso reservatório de imagens – passadas, presentes e futuras. Essas imagens são tecidas de acordo com o trajeto antropológico do Homem no mundo. O compartilhamento dessas imagens se dá como uma grande expansão do conteúdo cultural, o qual vem a ser regido por traços arquetipais. De qual Imaginário o Terno de Santos está impregnado? Essa resposta seria demasiadamente longa em detalhes, mas em geral pode-se dizer que esse imaginário da manifestação festiva do Terno está embrenhado em um contexto rural e religioso. Até então, o questionamento mais relevante para a pesquisa foi: como se dá o compartilhamento e a manutenção desse imaginário? A hipótese defendida mostra que a sobrevivência da festividade do Terno de Santos está na Educação Simbólica que o mesmo comunga (BORGES, 2017).

2. METODOLOGIA

Pensar a metodologia deste trabalho, supõe ancorar-se nos conceitos da teoria durandiana. Para Jean- Jacques Wunenburger (2007, p.11), convém em denominar o imaginário como “(...) um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados. Danielle Perin Rocha Pitta (2005, p.15), introdutora dos estudos do imaginário no Brasil, apresenta o imaginário como a **essência do espírito**, ao passo em que “(...) o ato da criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo

(corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe”.

No caso do Terno de Santos, este compartilha de um imaginário comum à sua comunidade. Do imaginário do Terno emerge uma tradição festiva, que remonta ritos pagãos, mais antigos que a veneração dos santos que o mesmo invoca. Sair às ruas, em procissão silenciosa (movimento da manifestação do Terno), no intuito de interferir na natureza/espaço, ou no tempo (abençoando casas, ou festejando uma colheita) é prática que só pode ser entendida dada o estudo de suas ligações com o passado. Sua origem não está aqui. Porém, a forma que este Terno (exemplo de uma tradição que remonta tempos antigos) se apresentará no tempo presente e está totalmente conexa às nuances de sua sociedade, da sua história, do agora (BORGES, 2017). Portanto, trabalhar com o Imaginário de um povo requer a atenção para as duas extremidades da linha do tempo, é perceber a influência do macrocosmos no microcosmos, e vice-versa.

A problemática da pesquisa realizada no mestrado, pautou-se na seguinte questão: **quais são os elementos simbólicos emergentes da Cantoria de Santinho, provenientes do imaginário do Terno de Santos, capazes de educar um *Homo Symbolicus*, *festivus* e *religiosus*?** Percebe-se que a emersão desses elementos que nos salta aos olhos por uma percepção atenta daquele que já tem alguma leitura/experiência do universo simbólico, mitológico e/ou arquetipal, que dá vida ao “dado”, ocasionando assim a identificação desses caracteres ancestrais. Entretanto, a **convergência** desses dados simbólicos (palavras-chaves contidas nos versos da Cantoria) só se dá por uma busca detalhada nos exemplares presentes em nossa cultura e em nossa história em diferentes tempos/espacos. Trata-se de um recenseamento, uma busca pela própria ancestralidade dos itens averiguados. O que há de semelhante nas diferentes narrativas históricas que tocam a religiosidade junina, por exemplo? Por qual motivo há a repetição de caracteres simbólicos? A “triangulação” destes dados, noção que Gilbert Durand (1988) tratou como **convergência simbólica**, resulta uma “redundância aperfeiçoadora”, pois

[é] através do poder de repetir que o símbolo ultrapassa indefinidamente sua inadequação fundamental. Mas essa repetição não é tautológica: ela é aperfeiçoadora através de aproximações acumuladas. Nisso, é comparável a uma espiral, ou melhor, um solenoide, que a cada repetição circunda sempre o seu foco, o seu centro. Não que um único símbolo não seja tão significativo como todos os outros, mas o conjunto de todos os símbolos sobre um tema esclarece os símbolos, um através dos outros, acrescenta-lhes um “poder” simbólico suplementar (p. 17).

Em relação à coleta de dados, os meios utilizados (anotação de campo, gravação de áudio e fotografia) se deu com a **Observação Direta**. Ou seja, trata-se da imersão, de fato, do pesquisador no ambiente pesquisado. Nesta caso, minha participação efetiva em toda a manifestação do Terno de Santos, nas cantorias noturnas. No acompanhamento de todo o rito, bem como o momento festivo, coletei a gravação da entrada do Terno nas casas dos recepcionistas (cantoria de entrada), observei o momento dançante, bem como gastronômico, que se dá no meio do rito, e, ao fim, gravei a saída do Terno (cantoria de saída). Em todas essas etapas houve a fotografia dos atos do Terno, dos recepcionista e demais foliões, que acompanham a festa.

Na **observação direta**, há três modelos de “conduta do pesquisador”, as quais repercutem na relação deste com o objeto. Jaccoud e Mayer (2008), apresentam o *modelo da passividade*, onde a coleta dos dados é feita por meio da observação cotidiana do grupo com uma interação mínima, em que as particularidades do pesquisador podem interferir negativamente no trabalho, dando à subjetividade o sentido de “risco de contaminação” – ilusão da neutralidade do sujeito; após, o *modelo de interação* insere-se numa perspectiva construtivista, onde o pesquisador passa a ser sujeito da pesquisa, de forma que sua conduta interfere e contribui no trabalho. Neste modelo, a *interação* é mais importante que o *sentir*, pois o pesquisador torna-se fonte de análise; o terceiro, tomado como postura nesta observação, é o **modelo da impregnação**, onde o sujeito é parte da manifestação que observa (no meu caso: cantei, dancei, comi, orei – ou seja, interagi), porém o sujeito não é fonte de pesquisa. Ainda, em tal modelo, o conhecimento é advindo da participação e integração no grupo pesquisado, onde a socialização junto às pessoas ou grupo estudado é fundamental para o êxito da pesquisa (BORGES, 2017).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa elaborada no mestrado estava alicerçada no seguinte objetivo geral: **Desvelar um processo de educação não-formal, na festividade do Terno de Santos, através dos elementos simbólicos que emergem de sua Cantoria de Santinho**. Tal objetivo fora alcançado a partir do momento onde se percebeu uma Educação distinta na manifestação festiva do terno. A diferença no “tipo” de Educação foi evidente no que tange o espaço do compartilhamento dos saberes; a especificidade destes saberes; e a forma que tais saberes são compartilhados. O espaço de comunhão desta Educação se dá num ambiente nutrido por valores e símbolos sagrados (neste caso, religiosos). O acionamento desses símbolos ancestrais se dá por meio da musicalidade e pelo contexto noturno, o qual rege todo o rito. Essa atmosfera, que une uma comunidade anualmente, numa circularidade que rompe a periodicidade comum do tempo, faz transcender o caráter da unidade (Sujeito) para uma coletividade. Se essa Educação se dá pelo compartilhamento simbólico (pela cantoria de santinho), a mesma pode ser considerada como Simbólica. A situação formativa da Cantoria de Santinho se dá, então, numa perspectiva de consciência indireta, onde os símbolos presentes nos versos entoados pelo mestre do Terno, e repetidos por todos, possibilitam a inserção num mundo Imaginário, onde todos comungam de uma simbólica ancestral, formadora de um Homem Integral (BORGES, 2017).

A transmissão educativa via os elementos simbólicos que teceram a problemática desta pesquisa e que se mostraram presente na análise das cantorias, se dá na medida em que há um pertencimento do indivíduo com o rito. A relação da Educação Simbólica com seu educando depende não apenas da passagem do símbolo, do Cosmo ao Ser, mas sim de todo um cabedal patrimonial (herança ancestral). Pois, como visto, é aquilo que vem do “pai” (ou mãe/ancestrais) que nos faz (re)conciliar com a atemporalidade; reencontro do *Homo* em seu trajeto antropológico (DURAND, 2012); soma-se neste encontro as condições/intimações do seu meio, junto a às farpas sociais e políticas, e o Imaginário, culturalmente alicerçado porém cosmicamente flexível (BORGES, 2017).

4. CONCLUSÕES

O presente projeto está em desenvolvimento, em vias de acréscimo, no sentido de adequação a uma jornada maior de pesquisa, no âmbito do doutorado. Pretende-se um maior aprofundamento teórico no tocante do Imaginário e da História das Religiões e Religiosidades, principalmente com Gilbert Durand, com seu cunho antropológico, e Mircea Eliade, no que se refere à fenomenologia histórica, respectivamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, A. S. **A Educação Simbólica na Cantoria de Santinho em Povo Novo/RS: a musicalidade e a noite regendo o rito**. 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. SALLUM JR, Basílio (Coordenador). Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.